

## **FORMAÇÃO DO PROFESSOR NA CULTURA INDÍGENA: ALGUMAS REFLEXÕES**

**Maria do Pilar Cunha e Silva**

A atual demanda, na área educacional, para o desenvolvimento de projetos voltados para as questões indígenas tem atraído alguns educadores, seja para o desenvolvimento de projetos de pesquisas, seja para a participação em outras atividades como cursos ou assessorias, sempre voltadas para o atendimento de necessidades pedagógicas das práticas educativas indígenas. Levando em conta que a escola tem uma especificidade própria, a prática de ensinar tem uma função e objetivos determinados. Desse modo qual poderia ser *função de uma escola para as sociedades indígenas?*

A meu ver, estão se abrindo, no campo da pedagogia, espaços para se tratar da questão educacional indígena num movimento que se direciona no sentido da pesquisa que se amplia e particulariza para a dimensão cultural do fenômeno educativo. Assumindo, por exemplo, o pressuposto de que o aparecimento das características humanas se dá por um processo de desenvolvimento cultural do próprio indivíduo, do ponto de vista da formação do sujeito índio, uma questão que me parece interessante enfatizar decorre das seguintes perguntas: como se forma um professor índio? Que elementos da cultura índia e da não índia estão em jogo nesta formação?

Como se dá, enfim, esse processo de constituição de um profissional na cultura indígena? Estas e muitas outras perguntas abrem, certamente, novas possibilidades para um vasto número de pesquisas nesta área. E, no sentido da prática escolar, parece-me interessante atentar-se para o fato de que o pensar sobre a construção de um currículo especial para as escolas indígenas, remete-nos também à uma reflexão acerca da escola oficial existente hoje, uma reflexão que precisa estar pautada na complexidade da formação da sociedade brasileira. Assim, aspectos como a diversidade étnica ou a pluralidade linguística devem ser tomados como dimensões culturais que, necessariamente, são incorporadas a qualquer experiência escolar.

A seguir apresentarei algumas considerações acerca de uma experiência no Curso de Formação de Professores Indígenas na Bahia, ação do Projeto Arte, Educação, Identidade e Diversidade Cultural.

Este curso **foi** dirigido a oitenta professores dos seguintes grupos étnicos: Tuxá, Pankararé, Kantaruré, Xukuru-Kariri, Pankaru, Kiriri, Kaimbé. Pataxó, Pataxó Hãhãhã e índios de Olivença.

O tema "espaços e processos de aprendizagem" foi trabalhado com os objetivos de permitir que os professores índios conheçam como as características humanas são constituídas, tendo como base as contribuições teóricas dos estudos em psicologia sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento; analisar o trabalho pedagógico, visando encontrar os elementos principais para o desenvolvimento de processos de aprendizagem e desenvolvimento e subsidiar os professores índios, sugerindo idéias de atividades práticas para a organização e desenvolvimento do trabalho em sala de aula. Atendendo ao objetivo geral do projeto, o de procurar formar o "professor-pesquisador," também foi nosso objetivo orientar o professor para a atividade de pesquisa, instrumentalizando-o para a prática de observação e para a construção dos dados para interpretação do material observado.

As atividades desenvolvidas visaram promover o debate sobre questões pertinentes tanto ao conhecimento das formas e processos de aprendizagem como também a reflexão e a troca, entre os professores, sobre as suas práticas de trabalho nos espaços educativos como a sala de aula e outros espaços de aprendizagem fora do ambiente escolar.

As discussões iniciais se deram em torno de questões acerca das concepções de aprendizagem e desenvolvimento que mais influenciam o trabalho pedagógico. As concepções mais tradicionais, como a maturacionista e a ambientalista, e ainda as tendências interacionistas foram alvo das nossas discussões. Procuramos, utilizando-nos de exemplos extraídos da prática dos professores em sala de aula, analisar e compreender essa mesma prática, buscando encontrar explicações para os erros e acertos no desenvolvimento do ensino. O debate sobre este assunto específico foi provocado por afirmações que frequentemente são

pronunciadas quando se pretende justificar as razões das diferenças de possibilidades intelectuais entre as pessoas, sobretudo quando se referem às dificuldades de aprendizagem. Sobre esta questão, afirmações tais como "algumas pessoas são mais inteligentes que outras devido a sua herança genética", o que de outra forma é expressado no dito popular "todo pau que nasce torto, não tem jeito, morre torto" demonstram, de certo modo, a crença na primazia do caráter individual sobre os elementos sociais e culturais na determinação das características humanas. As discussões, então, se deram em torno dessas idéias.

Em outro momento, partindo da leitura de textos que tratavam da explicação de processos de aprendizagem e de desenvolvimento humano e do papel da escola e do professor para este desenvolvimento, os problemas decorrentes do ato de "ensinar" e do "aprender" foram levantados para um possível plano de intervenção pedagógica.

Para fechar os trabalhos e se construir algumas sínteses sob os assuntos abordados, os participantes, reunidos em grupos, simularam algumas situações que comumente acontecem em sala de aula, planejando e apresentando uma aula de um determinado assunto escolhido por eles.

A atividade de dar uma aula foi uma estratégia muito singular porque possibilitou ver aspectos da prática pedagógica em sala de aula. A representação daquilo que o professor costuma desenvolver com seus alunos pode mostrar que a concepção de ensino assumida pelos professores apresenta alguns equívocos quanto aos modos de aprender de seus alunos e das suas possibilidades como sujeitos. Contudo, um aspecto positivo é a convicção que os professores têm da necessidade de pensar e de se fazer um plano para orientar o seu trabalho. Muitos deles o fazem. A aula apresentada, por exemplo, explicitou, com certa clareza, a intenção de se trabalhar o assunto escolhido pelo grupo, que planejou as atividades que lhe pareciam mais apropriadas. Dessa forma, observou-se uma organização do trabalho como um todo e do conteúdo a ser abordado, no entanto, algumas considerações merecem ser feitas.

A professora tinha como objetivo trabalhar a noção de quantidade (número três) e todas as atividades, selecionadas para propor aos alunos, buscavam trabalhar essa noção. No

entanto, uma análise mais detalhada do desenvolvimento e realização das atividades nos indica que a intenção de ensinar determinado assunto nem sempre se realiza efetivamente. Parece que as atividades são escolhidas muito mais pela similaridade que pode apresentar em relação ao lema do que pelo que sugere de efetivo trabalho com o conceito em questão a ser ensinado.

Penso que, nesse aspecto, os professores precisam ser levados a refletir mais sobre os objetivos e necessidades das atividades propostas para o seu trabalho em sala de aula. Até que ponto caminhar sobre a escrita, feita no chão, de um número está trabalhando a noção de quantidade representada por esta escrita? Será que haveria atividades mais adequadas que outras para se trabalhar um determinado assunto? Qual o principal objetivo de uma atividade selecionada pelo professor para o trabalho com seus alunos? Estas são perguntas que parecem ser pertinentes em se tratando de curso de formação de professores. A necessidade de se refletir sobre as ações práticas que acontecem em sala de aula é uma forma de pensar e explicar essa prática para encontrar as pistas mais significativas para o andamento do trabalho do professor.

Do meu ponto de vista, os professores indígenas, embora ainda sem elaborar uma crítica a respeito da escola oficial que aí está, estão passando por um processo de buscar o "melhor método" para uma pedagogia indígena. Muitos deles preferem as fórmulas prontas sem muito pensar sobre elas. A nossa proposta, então, é de sugerir sim atividades de trabalho em sala de aula, mas buscando justificar e pensar o porquê das atividades escolhidas. Tendo como referência o percurso escolar os professores índios - na sua grande maioria, possuem o primeiro grau completo —. somos levados a classificá-los dentro da categoria de professores leigos. Ao assumirem classes em escolas de suas aldeias, portanto, trabalham muito mais orientados pela sua experiência como alunos do que como professores. Contudo devemos destacar o sentido de responsabilidade que os índios apresentam frente às questões educacionais específicas, dentre elas, o contexto da sala de aula.

Talvez, elementos particulares da sua cultura, como o sentimento grupai, o sentido de solidariedade e a sua história de constantes lutas para solucionar os seus problemas

específicos, contribuam para levar os povos indígenas a um envolvimento que se manifesta com uma certa responsabilidade e seriedade que, no caso do trabalho com a escola, dá um caráter de profissionalismo que, certamente, trará resultados positivos. A necessidade, nesse momento, deve ser a de instrumentalizar os professores índios o mínimo indispensável para que possam saber fazer. Para isto os índios demonstram uma grande motivação.

Uma outra particularidade que gostaria de destacar diz respeito às expectativas e interesses dos participantes deste curso. Pude observar que os professores índios da Bahia ao mesmo tempo que demonstram uma consciência quanto à necessidade de seu preparo - como professor - para assumirem a sala de aula, apresentam também uma consciência de que estão melhor preparados para exercerem a função de "professores de cultura", pois ser "professor de cultura" é saber preservar as histórias e valores de seu povo, aquilo que constitui a sua identidade indígena. Isto parece ser uma prova de que, embora sob toda influência da cultura envolvente a qual estão sendo expostos ao longo dos anos, os índios têm a consciência das singularidades que lhes tornam índios.

Dada essa compreensão, parece-me que os professores indígenas conseguem fazer a distinção entre ser "professor de cultura" e ser "professor de sala de aula." Sendo assim, arriscaríamos dizer que de cultura, da sua cultura, eles entendem muito bem e disso estão seguros. Porém, em relação ao trabalho pedagógico em sala de aula, da prática escolar, ainda há um longo caminho a percorrer, precisando se apropriarem também dos referenciais dessa outra cultura - a cultura escolar.

Um outro episódio interessante, que apareceu durante o desenvolvimento da aula dada foi a versão que os professores fizeram da história infantil "Cachinhos de ouro". Os professores costumam utilizar as histórias clássicas infantis adaptando o seu texto fazendo uso de elementos e objetos da cultura indígena. Penso ser este um aspecto que merece uma reflexão no sentido de evitar um radicalismo extremo. É muito positiva a consciência da diversidade cultural da sociedade brasileira, já construída pelos professores indígenas, por outro lado, é também importante que a

reflexão crítica seja uma atividade constante para a construção dessa mesma consciência. No caso específico dessa adaptação feita da história "Cachinhos de ouro", podemos até mesmo considerar uma postura "politicamente correta", mas poderíamos com isto indagar, até que ponto foi uma adaptação pedagogicamente correta? Ou melhor, até que ponto ficou explicitada uma postura educativa e informativa sobre as referências culturais de uma cultura não-índia?

Parece-me que, pedagogicamente, correto seria não omitir as condições de produção dessa história, situá-la no tempo e no espaço e apresentá-la de modo que os alunos fossem informados de outros aspectos que compõem a produção de um livro e pudessem, ao mesmo tempo, perceber as diferenças de estilos e culturais contidas nas histórias.